

Resenha de: Chido, Diane E., 2018. *Intelligence Sharing, Transnational Organized Crime and Multinational Peacekeeping*. Palgrave MacMillan. 110p. ISBN: 9783319711829. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-71183-6>

FABIO RODRIGO FERREIRA NOBRE

A literatura sobre o Crime Organizado Transnacional (*Transnational Organized Crime* — TOC) parece estar desfrutando de um momento de expressivo crescimento no campo das Relações Internacionais e nos Estudos de Segurança Internacional. Mesmo no Brasil, testemunha-se um rápido avanço na discussão sobre a dinâmica e a própria natureza dos atores não estatais-violentos (Ferreira and Gonçalves 2022; Villa, Braga, and Ferreira 2021; Ferreira 2020; Manso 2018).

Não obstante sua evidente relevância para o tema e, em especial, para as possibilidades do estabelecimento de uma paz duradoura em sociedades pós-conflito, o crime organizado transnacional é o elefante na sala de operações de paz das Nações Unidas (ONU). A paz duradoura é alcançada por meio de soluções políticas e não por ação militar e o TOC impede o alcance dessas soluções políticas. Perante o evidente impasse operacional ao qual o crime organizado limita as operações de paz, a contribuição de Diane E. Chido, do Instituto de Operações de Paz e Estabilidade do Exército dos Estados Unidos — no momento, atuando na School of Public Service and Global Affairs da Gannon University, parece não apenas valioso, como necessário.

O livro *Intelligence Sharing, Transnational Organized Crime and Multinational Peacekeeping* oferece ferramentas e modelos para aprimorar a avaliação pré-missão, com o objetivo de determinar potenciais *spoilers*¹ e identificar a sua atividade para que possam ser abordados no início de uma missão. Ao alicerçar seu estudo na premissa de que que atores violentos não podem funcionar sem organizações criminosas para financiar e facilitar suas atividades, a autora colabora com a percepção de que o compartilhamento de informações e a aplicação de métodos tradicionais de inteligência criminal para interromper atividades de conflito, pode evitar

Fabio Rodrigo Ferreira Nobre — Professor do Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais e da graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutor (2016) e mestre (2013) em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenador e fundador do Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião (CEPRIR) e líder do Grupo de Pesquisa de mesmo nome (CEPRIR - CNPq/UEPB).

que missões continuem por décadas ou ocorram repetidamente. A atuação desse procedimento de inteligência também pode abrir os olhos dos *practitioners* ao fato de que, embora normalmente tratado de maneira separada da corrupção e do terrorismo, em missões de paz complexas o crime organizado transnacional está profundamente interligado com tais práticas, como demonstrando durante todo o primeiro capítulo da obra.

Através de um longo estudo multi-casos, a autora procura comprovar seu argumento, abordando as realidades conflituosas — e pós-conflito formal — de cenários diversos como Colômbia e Mali, Afeganistão e Paquistão, Líbia e Bósnia. Mantendo ainda uma preciosa cautela ao diferenciar *extremistas violentos* de *criminosos*, Chido revela ainda uma profunda dificuldade por parte da tradição das operações de paz em compreender que o fluxo de produtos e serviços do crime organizado é transnacional, no entanto, o controle do fluxo é local. Tal circunstância exige dos mandatos de tal missão um olhar mais cuidadoso para as dinâmicas locais que sustentam a violência em larga escala dos chamados extremistas.

Entretanto, os atores em campo se deparam com uma estrutura de comando, controle e logística desarticulada e confusão sobre se o papel das missões deve ser estratégico, operacional ou tático, e em especial, a quem eles servem e com quem interagem nas células de coleta e análise de inteligência. O capítulo segundo do livro trata dessa importante questão.

O caso do Mali retoma os holofotes, ainda no capítulo 2, como um exemplar ideal da relação entre os aspectos locais e globais do crime organizado e como ela sustenta uma condição de instabilidade que torna missões de paz perpétuas e ineficientes. A intrincada relação entre criminosos violentos e grupos extremistas manifestou-se no norte do Mali em 2012 e está relacionada com os povos nômades muçulmanos tuaregues que habitam essa área e sua complexa relação com a *Al Qaeda no Magrebe Islâmico* (AQIM) e os grupos *Ansar al Dine* que estavam em operação, na ocasião (Harmon 2014).

Mas é nos últimos dois capítulos que a pesquisa se volta para a sua principal contribuição: o aspecto da inteligência e seu aprimoramento para um combate exemplar ao crime organizado transnacional como fonte e/ou mantenedor da instabilidade que gera a necessidade das missões, em primeiro lugar. O capítulo terceiro se debruça na evolução da temática, tanto no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU), como em iniciativas regionais. Apesar do notável desenvolvimento da temática em salões *onusianos* — notadamente marcado pelos documentos elaborados pelo Departamento de Operações de Manutenção da Paz (*Department of Peacekeeping Operations* — DPKO), *Guidelines for Police Operations in UN Peacekeeping Operations and Special Political Missions* e *Policy on Peacekeeping*

Intelligence, de 2016 e 2017, respectivamente — ainda se percebe uma gritante deficiência gerada pela lacuna em modelos efetivos de compartilhamento de dados e inteligência no combate ao TOC. Lições das experiências da OEA e de outros órgãos latino-americanos, assim como da União Africana e, em particular, da União Europeia, colaboram com o argumento de Chido de que a ONU carece de um modelo consensual a ser colocado em prática em suas missões.

A solução proposta pela autora, um modelo apropriadamente nomeado pelo acrônimo BAIT (*Basic Activities Indicators Template* — Modelo de Indicadores de Atividades Básicas), foi desenvolvido com ênfase na simplicidade e flexibilidade para superar muitas das limitações de inteligência endêmicas às missões da ONU, especialmente quando confrontadas com o crime organizado transnacional no ambiente da missão. Embora vagamente baseado em elementos da cadeia de suprimentos, a simplicidade e flexibilidade do modelo proposto BAIT se propõe a superar muitas das limitações identificadas ao longo do estudo, tornando-o utilizável no nível estratégico para o planejamento da missão e nos níveis operacional e tático da missão, exigindo nada mais do que pequenas habilidades em Microsoft Excel, por exemplo. O objetivo do BAIT é ser um modelo básico para analistas não treinados se concentrarem em atividades observáveis, que podem ser combinadas com outros fatores para desenvolver estratégias que reduzam os fornecedores de equipamentos, horários de funcionamento, frequência de incidentes violentos ou criminais e outros elementos.

O desenvolvimento de estratégias eficazes para lidar com estados frágeis requer uma compreensão das queixas estruturais subjacentes e dos motores do conflito. Compreender e identificar as estruturas de poder que mantém a violência em uma natureza endêmica é fundamental para o desenvolvimento de estratégias multi-agência efetivas, algo que ainda parece inexistir em missões de manutenção de paz em caráter global. O estudo de Diane Chido, portanto, acaba figurando como central, não apenas para o âmbito acadêmico, mas, em particular, aos praticantes e trabalhadores de campo que lidam com a violência extrema em casos que envolvem o crime organizado transnacional.

REFERÊNCIAS

Ferreira, Marcos Alan S. V. Gonçalves, Anna Beatriz. 2022. Criminal governance and systems of parallel justice: Practice and implications in Brazilian urban peripheries, *International Journal of Law, Crime and Justice*, Volume 68.

Ferreira, Marcos Alan S. V. 2020. Governance by Violent Non-state Actors as a Challenge to Sustainable Peace in Brazil. In *Decolonising Conflicts, Security*,

Peace, Gender, Environment and Development in the Anthropocene, edited by Spring, Ursula Oswald and Brauch, Hans Günter, 521–537. Cham: Springer. DOI: 10.1007/978-3-030-62316-6_17Google Scholar

Harmon, Stephen Albert. 2014. *Terror and insurgency in the sahara-sahel region: corruption, contraband, jihad and the Mali war of 2012-2013*. (The international political economy of new regionalisms series). Ashgate Publishing Company.

Manso, Bruno Paes; Dias, Camila Nunes. 2018. *A guerra: a ascensão do PCC e o mundo do crime no Brasil*. Editora Todavia SA.

Stedman, S. J. (1997). Spoiler Problems in Peace Processes. *International Security*, 22(2), 5. doi:10.2307/2539366

Villa, R., De Macedo Braga, C., & Ferreira, M. 2021. Violent Nonstate Actors and the Emergence of Hybrid Governance in South America. *Latin American Research Review*, 56(1), 36-49. doi:10.25222/larr.756

NOTAS

1. Por *spoilers* entende-se aqueles atores e partes que acreditam que a paz emergente das negociações ameaça seu poder, visão de mundo e interesses e usam a violência para minar as tentativas de alcançá-la; no caso em questão, o crime organizado (Stedman 1997).